

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO
GUILHERME BARROS ARRUDA

**MATERIAL DIDÁTICO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS
EM UMA PERSPECTIVA BILÍNGUE**

RESUMO

O presente trabalho se refere ao projeto de pesquisa de Mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ), sob orientação da Prof. Dra. Celeste Azulay Kelman. À época da elaboração deste texto estamos concluindo a revisão bibliográfica e em meio aos preparativos para a parte empírica da pesquisa. Pretendemos descrever e analisar o processo de elaboração de uma proposta de material didático bilíngue de Geografia, específico para o estudante surdo. A partir de um grupo de trabalho, composto também por professores surdos, analisaremos as questões relacionadas à transposição didática dos conteúdos geográficos da língua portuguesa para a língua de sinais na elaboração deste material didático. Buscamos, assim, estratégias pedagógicas que possam facilitar a compreensão dos conteúdos de Geografia através da visualidade e as possibilidades de uso das novas tecnologias em auxílio ao processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Surdez; Material didático; Geografia

MATERIAL DIDÁTICO DE GEOGRAFIA PARA SURDOS EM UMA PERSPECTIVA BILÍNGUE

No ano de 2010, ingressei como professor de Geografia no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), uma instituição de ensino e pesquisa, centro de referência nacional para a área da surdez. Em sala de aula, vivencio um processo de construção da relação entre professor ouvinte e alunos surdos, onde algumas questões se destacam: a relação entre professor e aluno se constituindo a partir de uma conflituosa relação linguística; a importância da visualidade no ensino de geografia para surdos; o uso das novas tecnologias de informação e comunicação em auxílio ao planejamento das aulas, às metodologias de ensino e formas de avaliação. Estas questões se projetam em um contexto onde as turmas são bastante heterogêneas, nas quais convivem surdos sinalizantes e oralizados, com distintos níveis de fluência e compreensão da Libras e da língua portuguesa. São múltiplas dimensões na escola bilíngue que exigem investigação e análise crítica por parte de pedagogos e geógrafos, como a problemática pedagógica de ensino-aprendizagem e os aspectos linguísticos, culturais e da identidade territorial desse espaço escolar.

No Brasil, há mais de uma década, são muitas as leis e decretos que garantem ao estudante surdo o acesso à língua de sinais na escola. Sobretudo depois da Lei Federal 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como uma língua oficial do país, lei que foi regulamentada no Decreto 5.626, de 2005. Desde a Constituição Federal de 1988, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e demais leis e decretos sobre o tema, todos garantem o direito de acessibilidade linguística. Mas é na última década que vemos crescer a importância da língua de sinais em sala de aula como a primeira língua (L1) do surdo; mesmo que ainda de forma precária na maioria dos estados, a presença de intérpretes e professores bilíngues, aos poucos, vai se tornando mais frequente. Mesmo assim, apesar da previsão legal, partimos de uma realidade em que quase todo o material didático disponível na rede pública, através da distribuição feita pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), se encontra em Língua Portuguesa, a segunda língua (L2) da comunidade surda. Dessa forma, os conteúdos das diferentes disciplinas do ensino básico, presentes em seus respectivos livros didáticos, são praticamente inacessíveis ao estudante surdo, na maioria das vezes pouco contribuindo em sua formação escolar. Portanto, a elaboração de material didático bilíngue – que articule a Libras como L1 e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2) – é uma necessidade urgente e deve ser entendida como um direito do estudante surdo.

A Convenção sobre o Direito das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), ratificada no Brasil pelos Decretos 186/2008 e 6949/2009, em seu artigo 9º, afirma que as pessoas com deficiência terão “acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação”. O Decreto 7611/2011 (que revoga o Decreto 6571/2008) em seu Artigo 5º, no 4º. parágrafo, determina que o Ministério da Educação prestará apoio técnico e financeiro à: “(...) produção e a distribuição de recursos educacionais para a acessibilidade e aprendizagem incluem *materiais didáticos* e paradidáticos em Braille, áudio e Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”. Repare que a expressão grifada por nós no parágrafo acima aparecia no decreto revogado como “livros didáticos”. Tal mudança certamente pretende ampliar as bases técnicas possíveis para a produção de materiais destinados aos estudantes surdos para além do texto escrito. Como temos na continuação da lei: “(...) laptops com sintetizador de voz, softwares para comunicação alternativa e outras ajudas técnicas que possibilitam o acesso ao currículo”.

Partimos, assim, da seguinte questão: Como seria um livro didático de Geografia específico para o estudante surdo? Certamente não teria o formato de um livro impresso em papel. Se a estrutura for em língua de sinais, esta “apostila” necessariamente deverá adotar um suporte em mídia digital, que permita capturar imagens em movimento do texto sinalizado. Nossa proposta de material didático de Geografia caminha em uma perspectiva bilíngue, onde a Libras e o Português escrito dialoguem na construção dos conteúdos.

Reunimos brevemente neste parágrafo os objetivos da pesquisa. O objetivo geral será descrever e analisar a o processo de elaboração de uma proposta de material didático bilíngue de Geografia para o estudante surdo do ensino básico. Esta questão central se desdobra em alguns objetivos específicos: analisar o processo de transposição didática dos conteúdos de Geografia da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais; buscar estratégias pedagógicas que facilitem a compreensão dos conteúdos geográficos pelos alunos surdos com apoio da visualidade; e analisar as possibilidades de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação como suporte para o material didático utilizado nas aulas de Geografia no INES.

O bilinguismo é um caminho necessário, no caso do INES, tendo em vista o contexto multicultural encontrado, onde as turmas são bastante heterogêneas, nas quais convivem surdos sinalizantes e oralizados, com distintos níveis de fluência e compreensão da língua de sinais. A questão linguística é, assim, o maior desafio encontrado pelo professor que se inicia na educação bilíngue de surdos, envolvendo as práticas em sala de aula, os aspectos culturais da comunidade surda e todo o

ambiente escolar. A grande dificuldade percebida na maioria dos alunos com a língua portuguesa dificulta a utilização do livro didático, dos textos escritos e da matéria copiada no caderno. Este é um problema sério, pois estabelece um enorme obstáculo para o aluno surdo conseguir capturar as informações das aulas e relacioná-las aos fatos noticiados nos meios de comunicação e vividos no dia a dia. Isto ocorre, pois esses conteúdos não estão disponibilizados em Libras, mas em português falado ou escrito.

Muitos termos e expressões utilizadas nas aulas de Geografia não possuem tradução para a Libras, o que exige uma constante contextualização, como por exemplo: placas tectônicas, urbanização, migração, densidade populacional, desigualdade social, entre tantas outras. A dificuldade vai além da ausência de sinais para isto ou aquilo. Como o conhecimento científico é constituído na língua falada e escrita, torna-se difícil a transposição integral destes conteúdos para a língua de sinais. É difícil para os alunos rever as informações das aulas sem ser pelo caderno e folhas de apoio, uma vez que ainda não dispomos de materiais didáticos de Geografia em língua de sinais para o aluno estudar em casa. A ausência de sinais específicos de conceitos e termos, próprios do conteúdo da Geografia exige uma constante contextualização dos fatos e assuntos trabalhados.

Recentemente o INES forneceu *tablets* para todos os alunos, o que abriu novas perspectivas para as dinâmicas em sala de aula e para a produção de material didático. Traz, também, a possibilidade futura aos alunos, de revisar os conteúdos das aulas em casa com um material bilíngue em Libras e português, que contenha imagens e vídeos ilustrativos. As novas tecnologias por si mesmas não solucionam as dificuldades enfrentadas no ensino de Geografia para surdos, mas certamente abrem algumas possibilidades de se trabalhar a visualidade das questões geográficas com os alunos.

Esta pesquisa transita pelas questões pedagógicas, linguísticas e multiculturais apresentadas, que envolvem a produção de material didático de Geografia em uma escola bilíngue para surdos. Investigaremos as questões políticas e pedagógicas que envolvem a produção de material didático específico para o aluno surdo. Partindo da importância do livro didático na escola pública brasileira, como defendido em Cury (2009), analisaremos como este debate se contextualiza na educação de surdos. Buscamos, assim, encontrar as garantias e lacunas existentes na legislação educacional, tendo em vista o direito do estudante surdo em ter acesso a um material didático formulado em sua primeira língua. Em relação à história do livro didático, temos em Choppin (2004) uma referência importante para nossas problematizações. Este autor apresenta as dificuldades na pesquisa sobre o livro didático, enquanto uma

área emergente na educação. Destaca a importância da semiótica em sua elaboração, a partir dos anos 1980, quando afirma a importância na elaboração dos livros didáticos da “articulação semântica que une o texto e a imagem” (ibid, p. 559)

Em nossa busca devemos dialogar com questões pedagógicas que envolvem linguagem e representação, produção de sentidos e significados no processo de aprendizado. Neste percurso nos apoiamos, sobretudo, em Vigotski (2009) e Bakhtin (2009) para compreendermos a construção dos conteúdos geográficos e a produção de sentidos através da interlocução, estabelecendo esta perspectiva teórica na elaboração do material didático. Por este caminho teórico tivemos inspiração em Lima et alli (2011) em interessante abordagem sobre a formação dos conceitos científicos e sua significação nos livros didáticos. Outras referências importantes vêm da Pedagogia Visual, que surge das relações entre semiose imagética e linguagem (GERALDI, 1991; PINO, 2001; PONTECORVO, 2005; SANTAELLA & NOTH, 2005; KELMAN, 2011), que se desdobram na análise da interlocução entre imagens e sentidos no processo de ensino-aprendizagem. Enfatizamos estas questões no ensino de Geografia em classes bilíngues para surdos, onde é ainda maior a necessidade de *imagens* contextualizadoras dos temas geográficos.

Procuramos estabelecer um diálogo entre os conteúdos geográficos e uma perspectiva multicultural da educação bilíngue frente às novas tecnologias de informação e comunicação. As novas TICs assumem um papel importante na sociedade atual, nas configurações identitárias e nos processos educacionais e formativos (ZUIN, 2010). Neste contexto, o “multiculturalismo” se apresenta como uma categoria de análise importante para se compreender a especificidade do material didático proposto (FARIA FILHO et alli, 2004; CANEN, 2012; CANDAU, 2012). Dessa forma, abordaremos as diferentes perspectivas de saberes, conhecimentos e currículos, assim como a materialidade escolar e os métodos de ensino.

Canen (2012) nos apresenta um debate introdutório sobre os termos multiculturalismo e interculturalismo. O primeiro pode representar uma visão menos dinâmica dos estudos culturais, enquanto o segundo traria uma perspectiva mais relacional às investigações. Segundo ela, multiculturalismo pode trazer uma visão mais folclórica, onde a valorização da diversidade cultural é enfatizada somente em momentos esporádicos do currículo. Já o interculturalismo representaria uma visão mais crítica onde o currículo é permeado pelos questionamentos aos preconceitos e diferenças (ibid, p. 237). Não interessa tanto a discussão terminológica, mas o cuidado necessário para não se folclorizar as relações entre surdos e ouvintes, devemos aceitar o caráter híbrido necessário proposto pela autora, tanto nas pesquisas acadêmicas, quanto nas práticas escolares, na busca por valorizar as diferenças e

desafiar os preconceitos. O material didático proposto nesta pesquisa deverá acompanhar estes preceitos.

No momento em que este texto é escrito ainda não iniciamos a parte empírica da pesquisa com o processo de elaboração e análise do material didático proposto. Será importante termos em vista a concepção de comunicação multimodal (KELMAN, 2011), que reflete bem a realidade vivenciada no INES, onde “o professor necessita apoiar-se em múltiplos modos semióticos para que a criança surda possa construir significado. Um signo linguístico é representado por diferentes meios, com a associação de texto, imagem e movimento” (ibidem, p. 196). Quanto mais abstrato o conteúdo, mais difícil é trabalhá-lo em sala por meio de seus aspectos visuais, uma vez que encontramos poucos exemplos que sejam representativas de algumas questões.

Para analisar a transposição didática na elaboração desse material de Geografia específico para o aluno surdo, comparamos experiências em outras disciplinas relatadas em alguns artigos encontrados. No XVII Congresso Internacional do INES, dois simpósios relatam experiências próximas dos objetivos propostos nesta dissertação. Morgado (2013) apresenta um projeto de material didático bilíngue para a Língua Gestual Portuguesa como L1 e a Língua Portuguesa como L2. No outro simpósio temos Ramos (2013), diretora da editora Arara Azul, especializada em produzir livros didáticos digitais voltados para o aluno surdo. Já em um artigo recente, Pedro & Santos (2013) relatam uma outra experiência portuguesa no desenvolvimento de material bilíngue de Ciências Naturais para alunos surdos. Foi encontrada também, uma dissertação na área do ensino de Geografia para surdos (SILVA, 2003), que problematiza sobre questões didáticas da disciplina e em sua relação com a língua de sinais, com a qual podemos estabelecer algum diálogo.

O Grupo de Trabalho composto no INES para a elaboração do material didático experimental, terá dois professores de Geografia ouvintes, dois professores surdos e um intérprete. Estes encontros serão filmados por um assistente de pesquisa e este registro visual permitirá a futura análise do processo de construção do material didático e das dificuldades em relação à transposição dos conteúdos para a língua de sinais. A intenção inicial desta pesquisa consistia em experimentar o material criado em alguma turma do INES para avaliar sua aplicabilidade. Mas, ponderamos que este procedimento metodológico exigiria um tempo mais longo de pesquisa, além dos dois anos disponíveis para a conclusão do curso de mestrado. Sobrepõe-se a isto a complexidade lingüística (a transposição didática dos conteúdos) e técnica (a produção do material) imposta pela tarefa a que nos propusemos, a qual, por si mesma, já é um objeto de pesquisa extremamente rico. Em um momento posterior,

será fundamental experimentar em sala de aula o material que será criado a partir do protótipo desenvolvido nesta dissertação.

Percebemos que nossa metodologia transita pela teoria e pela prática, em um processo que nos aproxima da observação participante e da pesquisa-ação. Inspirados pelos questionamentos de Franco (2005, p. 486) sobre este caminho metodológico:

a pesquisa-ação deve ser essencialmente uma pesquisa intencionada à transformação da realidade em que se insere? Deve ser uma pesquisa fundamentalmente participativa, em que sujeitos e pesquisadores interagem na produção de novos conhecimentos? Deve essa pesquisa assumir o caráter formativo-emancipatório?

Na prática envolvida pelo Grupo de Trabalho proposto, os pesquisadores ouvintes (professores de Geografia) e os pesquisadores surdos (professores de Libras) interagem em um processo de ressignificação coletiva dos conteúdos geográficos. Todos participam em iguais condições na pesquisa, contribuindo com os conhecimentos específicos de suas áreas em uma experiência polifônica de produção de sentidos na construção do material didático bilíngue. Concordamos, assim, com o entendimento da autora de que “independentemente das técnicas a serem utilizadas, há que se caminhar para uma metodologia que instaure no grupo uma dinâmica de princípios e práticas dialógicas, participativas e transformadoras” (ibid, p.490-491).

REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria. (org). SOUZA, Maria Regina de & SILVESTRE, Núria. *Educação de Surdos: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2007.

BAKHTIN, Mikhail/ Voloshinov. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRASIL. *Constituição Federal Brasileira*. Brasília, 1988.

_____. *Lei Federal 10.436*. Brasília, 2002

_____. *Lei 10.753*. Brasília, 2003.

_____. *Decreto 5.626*. Brasília, 2005.

_____. *Decreto 186*. Brasília, 2008.

_____. *Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência e seu Protocolo Facultativo*. (Decreto Legislativo no. 6949/09). 2009.

_____. *Decreto 7084*, Brasília, 2010

_____. *Plano Nacional de Educação*. (Projeto de Lei no. 8035/10). 2010.

_____. *Decreto 7611*. Brasília, 2011.

CANDAU, Vera. *Sociedade Multicultural e Educação: tensões e desafios*. In: Candau, Vera. (org.) *Didática Crítica Intercultural: aproximações*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2012.

CANEN, Ana. *Currículo e Multiculturalismo: reflexões a partir de pesquisas realizadas*. In: Santos, L. L. de C. P. & Favacho, A. M. P. (orgs), *Políticas e Práticas Curriculares: desafios contemporâneos*. Curitiba: Ed. CRV, 2012.

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sábio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique, 2002.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. In: *Educação e Pesquisa*. v.30, n.3. São Paulo, set/dez, 2004.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Livro didático como assistência ao estudante. In: *Revista Diálogo Educação*. v.9, n.26. Curitiba, jan/abr, 2009.

DORZIAT, Ana. *Sugestões docentes para melhorar o ensino para surdos*. *Cadernos de Pesquisa*, 1999, n. 108, p.108-198.

_____ (org). *Estudos Surdos: diferentes olhares*. Porto Alegre: Mediação, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et alli. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Vol. 30, n. 1. São Paulo: *Educação e Pesquisa*, 2004, p.139-159.

FERREIRA, Maria Elisa & GUIMARÃES, Marly. *Educação inclusiva*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da pesquisa-ação*. In: *Educação e Pesquisa*. v.31, n.3. São Paulo, set./dez., 2005.

GARCIA, Rosalba; MICHELS, Maria Helena. *A política de educação especial no Brasil (1991-2011): uma análise da produção do GT15 - educação especial da ANPEd*. *Revista Brasileira de Educação Especial*. v. 17. Edição Especial, Marília, 2011.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e trabalho lingüístico*. in *Portos de Passagem* Cap. 1 (C1; p.1-72) Martins Fontes, São Paulo, 1991.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. *Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional*. *Educar em Revista*. n. 41. Editora UFPR, Curitiba, 2011.

KELMAN, Celeste Azulay. *Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias*. In: FERNANDES, Eulalia et al (orgs). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

_____. *A significação e a aprendizagem do aluno surdo*. In MARTINEZ, Albertina Mitjans; TACCA, Maria.CarmenVilela (Orgs) Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência. Campinas, SP: Ed. Átomo Alínea, 2011, p. 175 – 207.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; JÚNIOR, Orlando Aguiar; CARO, Carmen Maria de. A formação de conceitos científicos: reflexões a partir da produção de livros didáticos. In: *Ciência & Educação*. v.17, n.4. Belo Horizonte, 2011.

MÉSZAROS, István. *A educação para além do capital*. 2ª. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORGADO, Marta. *Materiais Bilíngues*. Simpósio, In:Anais do Congresso : a educação de surdos em países de Língua Portuguesa / [XII Congresso Internacional do INES e XVIII Seminário Nacional do INES]. – Rio de Janeiro: INES, Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, 2013.

PEDRO, Paula São; SANTOS, Miguel Augusto. *Desenvolvimento e implementação de material bilíngue de Ciências Naturais para alunos surdos*. In: *Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos*. n.27 . Rio de Janeiro: INES, jan./jun. 2013.

PINO, Angel. O biológico e o cultural nos processos cognitivos. In: Mortimer, E. & Smolka, A. (orgs). *Linguagem, cultura e cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 21-50.

PLETSCH, Márcia Denise. *Repensando a inclusão escolar: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual*. Rio de Janeiro: Nau: Edur, 2010.

PONTECORVO, Clotilde. *Discutir, argumentar e pensar na escola. O adulto como regulador da aprendizagem*. In: Pontecorvo; Ajello & Zucchermaglio (orgs). *Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola*. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 65-88.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib, PAGANELLI, Tomoko Iyda & CACETE, Núria Hanglei. *Para ensinar e aprender Geografia*. 3ª. Ed.São Paulo: Cortez, 2009.

QUADROS, Ronice Muller. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. *O “BI” em bilingüismo na educação de surdos*. In: FERNANDES, Eulalia et al (orgs). *Letramento, bilingüismo e educação de surdos*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

RAMOS, Clélia Regina. *Livro didático digita Libras/Português*. Simpósio, In:Anais do Congresso : a educação de surdos em países de Língua Portuguesa / [XII Congresso Internacional do INES e XVIII Seminário Nacional do INES]. – Rio de Janeiro: INES, Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, 2013.

SANTAELLA, Lucia & NOTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SILVA, Claudionir Borges da. *Cenário Armado: objetos situados*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIPP, David. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. In: *Educação e Pesquisa*. São Paulo. v. 31, n 3, set/dez, 2005.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

ZUIN, Antonio. *O Plano Nacional de Educação e as tecnologias da informação e comunicação*. Vol. 31, n. 112. Campinas: Educação e Sociedade, 2010, p. 961-980.

_____. *Nota Técnica do MEC nº. 05*. Brasília, 27 de abril de 2010